

**ENTRE A FINITUDE E O LIMIAR DA PAIXÃO: FAZES-ME FALTA, DE INÊS
PEDROSA**

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho pretende refletir sobre o romance *Fazes-me falta* (2006), de Inês Pedrosa, destacando a relevância dos questionamentos acerca de sentimentos tão caros como a amizade e a paixão; e também o tema da finitude do ser humano. No romance, a morte não é obstáculo para impedir um diálogo espectral em que apenas duas vozes se cruzam ao longo da narrativa: uma mulher que morre precocemente e um homem mais velho, que se sente viúvo, embora nunca tivessem firmado um compromisso amoroso. Desse “lugar sem lugar”, “limbo” ou “noante”, ela o vê e inicia um colóquio que será composto de cinquenta blocos textuais (metade para cada um). No limiar entre a amizade e a paixão, após a separação imposta pela morte dela, ambos, à distância, ouvem-se sem restrições e travam um diálogo intenso em que tecem seus sofrimentos e suas alegrias, suas afinidades e diferenças, expondo seus sentimentos como nunca haviam feito antes. Prosa permeada de toques poéticos, a narrativa densa da escritora portuguesa Inês Pedrosa representa temas em que se discutem as (sempre muito) complexas relações humanas, sua natureza e suas consequências, diante de algo definitivo como a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade; Paixão; Finitude.

ABSTRACT: This work aims to reflect Inês Pedrosa's novel, *Fazes-me falta* (2006), highlighting the relevance of questions about feelings such as friendship and the passion, and also the theme of the death of human beings. In the novel, the death isn't obstacle to prevent a dialogue in which only two spectral voices cross over the narrative: a woman who died early and an older man, who feels widower, but had never reached a compromise love. That "place without place," "limbo" or "noante," she sees him and she starts a symposium

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense - Niterói/RJ. Membro do Grupo de Estudos Nação-narração – UFF/ CNPq www.uff.br/nacaonarracao

will be composed of fifty textual blocks (half for each). On the threshold between friendship and love, after the separation imposed by her death, both at a distance, they hear it without restrictions and slowing a dialogue in which weave their sufferings and their joys, their affinities and differences, and never expose their feelings had done before. Touches of poetic prose pervaded the dense narrative of writer Portuguese Inês Pedrosa represents issues that are discussed in the (always) complex human relations, its nature and its consequences, before anything definite as death.

KEYWORDS: Friendship; Passion; Death.

Sem desejo, não há nada.

Inês Pedrosa

O desejável é o fim imóvel, perfeição, identidade consigo mesmo.

Marilena Chauí

1. Introdução

Utilizando uma técnica narrativa simples em que apenas duas vozes se entrecruzam, representando também o olhar de duas gerações, constrói-se o romance *Fazes-me falta* (2006), de Inês Pedrosa. Representa a trajetória de uma amizade profunda que está no limiar da paixão.

A estância narrativa é construída por cinquenta textos em que falam as duas vozes em questão, num diálogo espectral, visto que a voz que o inicia é a de uma mulher que acaba de morrer. Essa mulher não só toma a iniciativa do diálogo como também escolhe os temas sobre os quais falarão ao longo de toda a narrativa. A outra voz é a de um homem mais velho e que se sente viúvo, embora nunca tivessem firmado um compromisso amoroso. Segundo Françoise Dastur,

(...) os homens das sociedades arcaicas repugnavam a ideia de uma destruição definitiva e total e consideravam que os mortos continuavam a levar ao nosso lado uma vida invisível e não cessam de intervir no curso

da existência daqueles que chamam a si mesmos de vivos. (DASTUR, 2002, p. 17).

É a própria autora quem explica o porquê de a iniciativa do diálogo pertencer à mulher, o motivo pelo qual ela é quem decide sobre que temas vão dialogar: “(...) a voz masculina que se contrapõe a ela é a de um homem ainda formado pela cartilha do macho guerreiro português, cuja regra número um é a camuflagem dos afetos.” (ARAÚJO, 2007, p. 17)

2. Um diálogo espectral, a presença do maravilhoso

O diálogo é iniciado por uma mulher morta que vê o seu “amigo” de onde está (apenas ela pode vê-lo, o inverso não acontece). Mas é como se ele pudesse sentir a presença dela, por isso, prossegue com o diálogo. Esse tipo de narrativa, a nosso ver, aproxima-se do maravilhoso, conceito cunhado por Todorov:

[O] ‘maravilhoso puro’ (...) não tem limites claros (...) os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. (TODOROV, 2004, pp. 59-60).

Desse modo, a escritura de Inês Pedrosa nos conduz ao sobrenatural - a morta que tem saudades do “amigo”, que sente em sua mão as unhas dele, que sente desejo: “as tuas unhas arranhando a pele da minha mão, pensas que não as senti?(...) como pode um corpo morto sentir o que quer que seja? (...) Precisei de morrer para te desejar.” (PEDROSA, 2006, p. 127).

De um “lugar sem lugar”, “limbo” ou “noante”², é que ela inicia o diálogo. A personagem assume a sua condição de morta precoce e que deseja ainda despedir-se do mundo que deixou e do homem a quem chama “meu amigo”, mas por quem nutre um

² Cf. Entrevista com Inês Pedrosa. In *Círculo dos leitores*. À beira da escrita, um anjo. Nessa entrevista, a autora esclarece que escolheu a palavra “noante”, que teria o significado de “bolha em suspensão, uma bolha de sabão”, pois “queria uma palavra redonda”. Não quis a palavra limbo, por esta possuir uma conotação religiosa. “Noante é assim esse lugar onde não se esteve antes” Disponível em www.circuloleitores.pt/cl/artigofree.asp?cod_artigo=85910. Acesso em 30 de dezembro de 2008

sentimento que se mostra como algo mais pungente que a amizade. Para realizar o seu desejo, faz um pedido a Deus: que ela esteja mais um pouco com aquela pessoa que é tão cara para ela.

Agora que saí do corpo que fui - para me tornar pólen, poeira nos teus olhos, pura imaginação de mim – imagino-o melhor ainda, ébrio de luz, (...)

Despojada de corpo é-me mais fácil transformar-me no próprio balouço, na luz dançante de que ele é feito. (...) peço-Lhe que me deixe matar saudades desse mundo que deixei tão de repente. (PEDROSA, 2006, p. 10).

Ele, ao contrário dela, não crê na transcendência, sendo esse um dos pontos de discordâncias entre ambos, por isso lança um apelo de um descrente a um Deus que, no seu entender, não queria ouvi-lo: “Deus onipotente em que não creio, acorda do Teu sono eterno e vai dizer à minha amiga o obrigado que eu não soube sussurar-lhe ao ouvido. Não te faças de surdo, Deus cruel e ocioso.” (PEDROSA, 2006, p. 31).

No decorrer da narrativa, surgem as razões pelas quais os dois se afastaram antes da morte dela. Inicialmente optam por ser apenas amigos, pois ambos já viveram vários desencontros amorosos, várias frustrações no campo das paixões. Entretanto, ao tentar evitar o amor e alicerçarem a opção que fizeram de se unirem apenas por laços de amizade, não conseguem segurar as rédeas do desejo e embora não tenham vivido uma relação mais íntima, confessam um ao outro sua paixão (iminente) após a morte dela.

3. A vida nos tempos do “amor líquido”

Zigmunt Bauman, em *Amor líquido* (2004), assevera que o amor, assim como as relações políticas, sociais e culturais nos tempos atuais, é vivenciado de forma instável, insegura. As relações nunca estiveram tão frágeis, sempre na iminência da ruptura, embora haja liberdade como jamais houve antes na escolha dos parceiros e nas variadas modalidades de relações amorosas. O mundo instantâneo, em que tudo se torna efêmero, há que se preparar sempre para viver um novo relacionamento, pois estamos propensos às relações descartáveis, assim como agimos com os objetos que utilizamos no nosso cotidiano. No entanto, não obstante a efemeridade das relações, há sempre o receio da

perda do ser amado, pois “separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida” (BAUMAN, 2004, pp.32-33). A personagem, por sua vez, tenta se justificar, ao afirmar que poderia tratar os sentimentos de forma totalmente racional e equilibrada.

Arrumei os amores, é a primeira regra da vida - saber arquivá-los, entendê-los, contá-los, esquecê-los. Mas ninguém nos diz como se sobrevive ao murchar de um sentimento que não murcha. (...) Não há explicações para o desaparecimento do desejo, última e única lição do mais extraordinário amor(...)

Como é que, de um dia para o outro, a sua voz deixou de me procurar e eu deixei que a minha vida dispensasse o espelho da tua? (PEDROSA, 2006, p. 168).

(Fala do personagem) “Organizei minha existência por iluminações. Desta forma, todo o amor e todas as vitórias me eram permitidas: já estava morto. Estrangulava as paixões no berço, o que tem a vantagem de as tornar estéreis. (PEDROSA, 2006, p. 49).

É a própria autora quem fala a respeito desse relacionamento, numa entrevista em que diz que gostaria de derrubar a ideia de que quando um homem e uma mulher se admiram mutuamente, tem que haver obrigatoriamente, a relação sexual.³

Em uma das falas do personagem, ele afirma o quanto desejava amá-la. Era o amor “racionado” que esperava para se manifestar, mas que não teve tempo para isso, pois foi surpreendido com a morte dela.

(...) eu queria agora dar-te o amor total e infantil que tinha para te dar. Racionei-o a vida inteira como a porra do chocolate de leite _ por que vivemos como se o tempo nos pertencesse infinitamente, como se pudéssemos repetir tudo de novo, como se pudéssemos alguma coisa? (PEDROSA, 2006, p. 31).

A fala do personagem também evidencia a questão do desejo que está presente do princípio ao fim da narrativa. É um desejo que, contido, manifesta-se apenas de modo contundente, após a morte da mulher.

Sobre a complexidade dos desejos e dos sentimentos, afirma Adauto Novaes:

Acontece com os afetos e desejos o mesmo que acontece com a liberdade: uma prodigiosa desatenção, (...) um estado de perturbação provocado

³ Idem.

pela imaginação delirante. Apesar disso uma força estranha conduz o espírito a desafiar o obscuro, o dissimulado, o ausente. (NOVAES, 2002, p. 11).

Ainda sobre o afeto, sua relação com a memória e com o objeto de desejo ausente, assevera Marilena Chauí:

(...) o desejo não se confunde com a necessidade ou com o apetite vital, sempre dirigidos a algo presente, destinados a ser suprimidos pelo consumo imediato do que lhes traz satisfação. A relação com a memória é a relação com o tempo e o desejo se constitui como temporalidade, aptidão do sujeito para protelar indefinidamente a satisfação, desligando-se do dado presente, encontrando mediações que o remetem ao ausente (...) (CHAUI, 2002, p. 25).

Do “lugar”, “não lugar” ou “noante” onde está vê o seu amigo ou amado, vê o quanto ela era importante para ele. Sente a morte como um “presente obrigatório”, de onde pode fazer uma retrospectiva de sua vida, que se inicia antes mesmo de sua concepção. A amizade parece ser uma espécie de defesa diante da possibilidade do amor.

Tomei a amizade como uma versão adulta do amor, o que significa que transferi para a casa dela a artilharia pesada do meu batalhão de afetos. Substituí o Príncipe Encantado pelo Amigo Maravilhoso. (...) Nada poderia nos separar, porque estávamos naturalmente livres das armadilhas do desejo, da via sacra da posse e do sacrifício. (PEDROSA, 2006, p. 39).

A personagem morta fala da finitude, maior temor de todos, de como ela, no seu “estado”, pode ver a maneira como as pessoas a olham, renunciando assim, seu próprio futuro.

Nas palavras de Schopenhauer:

A morte é a grande correção infligida pelo curso da natureza à vontade da vida e ao egoísmo que é o elemento essencial a ela: pode ser concebida como uma punição para nossa existência. É a ruptura dolorosa do nó que a procriação atou como volúpia, é a destruição violenta, proveniente de uma força externa, do erro fundamental de nosso ser: é a grande desilusão. Somos, no fundo, alguma coisa que não devia ser, por isso deixamos de existir. O egoísmo consiste, na verdade, no fato de o homem limitar toda a realidade à própria pessoa (...) A morte o faz conhecer o engano, ao suprimir essa pessoa: agora a essência do homem, que é a sua vontade,

viverá daqui para frente apenas nos outros indivíduos (...)” (SCHOPENHAUER, 2004, pp. 72-73).

Durante a narrativa, percebe-se que uma das razões mais relevantes para que o casal se separe e só se reencontre após a morte da personagem: a opção política dela. A personagem preocupava-se com os destinos políticos do seu país - cita a Revolução dos Cravos - com o sofrimento das meninas de alguns países da África, com as agruras por que passavam os mais pobres e sem defesa. Ele, com perfil que, aparentemente, se aproxima mais do liberalismo, ela, com uma postura próxima do socialismo.

Deus é misericordioso; põe-me diante de ti, em vez de me despachar a alma para um desses países onde as mães mutilam as próprias filhas, cortando-lhes o próprio sexo à faca e cosendo-as com espinhos. Ouço continuamente o grito dessas meninas _ acordei com eles a vida inteira. Abria os olhos escutando concretamente esses gritos vindos da Somália ou do Sudão, esses gritos que podiam ser meus. Julgava possuir todas as chaves do sofrimento. Chamavas-me presunçosa, talvez tivesses razão. Não há entendimento para o sofrimento do outro _ só essa distância paternalista a que, nos casos felizes, se chama compaixão. E isso pode bastar como método de guerrilha, mas não como teoria de superação. (...) defendias com ferocidade o liberalismo, dizias-te roubado quando ouvias falar em projectos de integração de marginais.” (PEDROSA, 2006, pp. 39;60).

(Fala do “amigo”) Não querias saber - preferiste sempre ver os bombeiros que salvam, os Mandelas que resistem, os jovens capitães que nos entregam a liberdade de cravo na mão e voltam para casa.(PEDROSA, 2006, p. 43).

Durante toda a narrativa, o personagem sente-se culpado por não ter feito algo para evitar a morte precoce da “amiga”. Em alguns momentos, chama-a de Sininho _ a fada da história de Peter Pan, personagens que moram na Terra do Nunca, onde vivem apenas crianças que nunca crescem e, portanto, nunca morrem. “Como a fada de Peter Pan, refilevas muito e espalhavas pó de ouro em tudo o que tocavas.” (PEDROSA, 2006, p. 80).

No desfecho da história, a personagem morta vê uma jovem que corre o risco de ser atropelada numa estrada e apela para o seu “amigo” que a salve, que não a deixe morrer precocemente e o convida para ir aonde ela está. Ele, por sua vez, enxerga a jovem e vê

nela a sua “amiga”, empurra-a para a calçada e deixa-se morrer para que aconteça o “encontro definitivo” entre os dois.

(Fala da personagem) Depressa. A rapariga deixa os livros cair na estrada e o autocarro não terá tempo de travar antes que ela a apanhe. (...) Desta vez, podes salvar alguém.(...) Vem, não tenhas medo, lança-te sobre essa ,menina que te sorri como eu e salva-a. Estou à tua espera num sítio onde as palavras já não magoam, não ferem, não sobram nem faltam. Esse sítio existe.” (PEDROSA, 2006, p. 235).

(Fala do personagem) “Os teus livros desmoronam-se no meio da estrada (...) Ajoelhada no meio da estrada sacodes tranquilamente cada livro. (...) Voas atrás delas sem perderes o sorriso. (...) Mas sou eu quem de repente corre em sonho de voo. Empurro-te para o passeio, o teu corpo ágil salta para a vida no último instante, ouço ainda os trovões desesperados do autocarro. Entras por dentro da minha carne, (...) rebentas-me com os vidros. E vejo-te lá em baixo, correndo agora através do jardim (...) Mas já não me lembro como era, fica longe, longe, cada vez mais longe.” (PEDROSA, 2006, p. 236).

Considerações finais

Fazes-me falta é um romance que traz à tona a imensa angústia vivida pelo ser humano moderno: a solidão, o receio de envolvimento com o outro, o medo da perda que se apresenta como uma ameaça constante nos tempos atuais. Num mundo identificado por Bauman⁴ como líquido, em que há uma enorme fluidez nos laços humanos, que, por isso mesmo, tornam-se extremamente frágeis, o amor e a amizade são vivenciados de modo inseguro. Buscam-se parceiros(as) cada vez mais ideais, porém parece impossível encontrá-los(as). Tudo é efêmero, descartável, volátil. Há sempre o desejo de começar novos relacionamentos, sem excluir a possibilidade de que surjam outros. Ainda segundo o autor polonês, o homem (pós)moderno não deseja apaixonar-se verdadeiramente para que se abra um espaço para novas aventuras, novas experiências, numa busca insaciável pela felicidade, que se apresenta como algo inalcançável. Como consequência de tudo isso, o ser humano está cada vez mais solitário. De acordo com a reflexão de Bauman, em *Vida líquida* (2007):

⁴ Cf. BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido* – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciososa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2007, p. 10).

Com uma linguagem romanesca simples e com toques poéticos, a obra de Inês Pedrosa representa com grande sensibilidade e delicadeza questões extremamente pertinentes da vida do ser humano: as relações afetivas e a dor da perda definitiva; trazendo assim, para o universo literário, temas sempre tão caros ao ser humano, especialmente nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Luciana. “Sem desejo, não há nada”. Entrevista com Inês Pedrosa. *Entrelivros*, Ano 2, abril de 2007, nº 24.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

_____. *Vida líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007

CÍRCULO DOS LEITORES. “À beira da escrita, um anjo”. Entrevista com Inês Pedrosa. Disponível em www.circuloleitores.pt/cl/artigofree.asp?cod_artigo=85910. Acesso em 30 de dezembro de 2008

CHAUÍ, Marilena. “Laços do desejo”. In: NOVAES, Adauto. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DASTUR, Françoise. *A morte – Ensaio sobre a finitude*. Tradução Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

NOVAES, Adauto. “O fogo escondido”. In: NOVAES, Adauto. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PEDROSA, Inês. *Fazes-me falta*. São Paulo: Planeta, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte metafísica do amor - Do sofrimento do mundo*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução: Maria Clara Correa Castello. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2004.